

## MULHER MENINA EM ABANDONO: DORA, A CAPITÃ DA AREIA DE JORGE AMADO

Luis de Melo DINIZ (PPGL – UFPB)  
Wilma Martins de Mendonça( UFPB)

Observando que o mundo da infância vem, desde a Modernidade, se constituindo como um dos elementos temáticos mais importantes da literatura ocidental, buscaremos, nesse nosso texto, ressaltar o problema do menor abandonado, destacando a representação da mulher menor na literatura *amadiana*.

Na verdade, desde o Romantismo, mais precisamente em sua vertente social, ou seja, aquela que privilegia os pobres como tema literário, seja através de um recorte humanitário ou de um corte messiânico, como ressaltava Antonio Candido (2007, p. 182), o tema da infância ofendida e humilhada se tornou um elemento de recorrência no contexto literário ocidental. Para essa recorrência, foi fundamental a obra de Charles Dickens, como destaca Candido:

Dickens tratou do assunto em mais de uma obra, como *Oliver Twist* onde narra a iniquidade dos orfanatos e a utilização dos meninos pelos ladrões organizados, que os transformam no que hoje chamamos trombadinhas. Leitor de Eugène Sue e Dickens, Dostoiévski levou a extremo de patético o problema da violência contra a infância, até chegar à violação sexual confessada por Stavroguine em *Os demônios* (CANDIDO, 2007, p.184).

De acordo com Jorge Luis Borges, Charles Dickens inauguraria uma perspectiva literária na qual a iniquidade e a convulsão social, que caracterizam os centros urbanos europeus à época, seriam alçadas à condição de objetos estéticos. A essa tradição, inaugurada pelo romancista inglês, convergiriam as prosas de Victor Hugo **Os Miseráveis** (1862) e **O Homem que ri** (1869); de Dostoiévski, **Os Demônios** (1872); de Émile Zola, **Germinal** (1885) e, entre nós, a narrativa **Capitães da Areia** (1937) do escritor nordestino Jorge Amado .

Dickens descobriu duas coisas importantes para a literatura posterior: a meninice, sua solidão, seus temores. [...] Dickens é o primeiro romancista a fazer que a infância dos personagens seja importante. Além disso, Dickens descobre a paisagem da cidade. As paisagens eram de campos, montanhas, selvas, rios. Dickens trata de Londres. É um dos primeiros a descobrir a poesia dos lugares pobres e sórdidos (BORGES, 2002, 250-1).

No Brasil, o drama das crianças sem assistência, abandonadas e exploradas, passou a ser ressaltado na literatura, na década de Trinta, especialmente, pelo escritor baiano Jorge Amado. Em 1935, Amado publica o romance **Jubiabá**, em cujo enredo transitam várias crianças das classes populares da Bahia. Em 1937, escreve **Capitães da Areia**, cujo título nomeia as crianças que vivem em bando, num trapiche abandonado do cais de Salvador, e utilizam a rua como espaço de moradia e distração, estando estes entregues aos seus próprios destinos, sobrevivendo graças aos roubos e furtos que praticam, como comprova a matéria jornalística da época, incluída no prólogo da obra de Jorge Amado, e descrita abaixo:

Os moradores do aristocrático bairro estão alarmados e receosos de que os assaltos se sucedam, pois este não é o primeiro levado a efeito pelos “Capitães da Areia”. Urge uma providência que traga para semelhantes malandros um justo castigo e o sossego para as nossas mais distintas famílias. Esperamos que o ilustre Chefe de Polícia e o não menos ilustre Dr. Juiz de Menores saberão

tomar as devidas providencias contra esses criminosos tão jovens e já tão ousados (AMADO, 1970, p 12).

Falava-se em mais de cem crianças e adolescentes procedentes das mais diversas partes da cidade que, sem família ou alguém para orientá-los, de nada dispunham, além da “liberdade” de correr pelas ruas, levando uma vida nem sempre fácil, arranjando o que comer e vestir, ora furtando, ora pedindo. O que eles queriam era apenas felicidade e alegria, representadas pela liberdade, e inclusive poder fugir de toda aquela miséria da qual eram vítimas.

Havia, é verdade, a grande liberdade das ruas. Mas havia também o abandono de qualquer carinho, a falta de todas as palavras boas. [...] Nada possuíam além da liberdade de correr as ruas. Levavam vida nem sempre fácil, arranjando o que comer e o que vestir, ora carregando uma mala, ora furtando carteiras e chapéus, ora ameaçando homens, por vezes (*sic*) pedindo esmolas. [...] a alegria daquela liberdade era pouca para a desgraça daquela vida. (AMADO, 1970, p. 41 e 51).

Do bando liderado por Pedro Bala, jovem generoso e valente, destacam-se ainda: João Grande, dono de um caráter bondoso e um físico forte; Professor, com tendências e dotes para a arte; Pirulito, místico e introvertido; Gato, elegante e conquistador; Sem-Pernas, cuja revolta provocada pela falta de um lar encobre sua rude bondade; Volta Seca, afilhado de Lampião e Dora, a única mulher do grupo, e que ao longo da história desenvolve um relacionamento amoroso com o líder Pedro Bala, mas que conquistou seu lugar no bando pelos seus próprios méritos, conforme vemos a seguir:

Andava com eles pelas ruas, igual a um dos Capitães da Areia. Já não achava a cidade inimiga. Agora a amava também, aprendia a andar nos becos nas ladeiras, a pingar nos bondes, nos automóveis em disparada. Era ágil como o mais ágil. Andava sempre com Pedro Bala, João Grande e Professor. João Grande não a largava, era como uma sombra de Dora, e se babava de satisfação quando ela o chamava com sua voz amiga de “meu irmão”. O negro a seguia como um cachorro e se dedicara totalmente a ela vivia num assombro das qualidades de Dora. Quase a achava tão valente como Pedro Bala. Dizia a Professor num espanto: - É valente como um homem... (AMADO, 1970, p. 208-9).

Dora, depois de perder os pais, vítimas da varíola (citada pelo narrador também como bexiga ou alastrim), que havia se alastrado pela cidade, abandona o morro e sai com o seu irmão pequeno, Zé Fuinha, de apenas seis anos, em busca de trabalho. Nada conseguindo, começa a perambular pelas ruas, sendo mais tarde encontrada por João Grande e Professor, que após ouvirem seu relato, decidem levá-los para o abrigo do bando, o trapiche.

A chegada de Dora ao trapiche, de início, gera um clima de tensão no grupo, já que, enquanto alguns queriam violentá-la, pois a imaginavam uma “putinha” (expressão usada por Ezequiel, chefe de um bando rival dos Capitães da Areia, para referir-se a Dora), João Grande, o Professor e depois Pedro Bala, resolvem protegê-la, pois ela era “só uma menina”, e o código de honra deles não permitiria tal atitude.

Pedro Bala olhou para Dora. Viu os peitos, o cabelo loiro. – Tão com o direito... – falou. Arreda, João Grande. O negro olhou Pedro Bala espantado. O grupo avança novamente, agora chefiado por Pedro Bala. João Grande estendeu os braços e gritou: - Bala eu como o primeiro que chegar aqui. Pedro Bala adiantou mais um passo: - Sai, Grande. – Tu não tá vendo que é uma menina? Tu não tá vendo? Pedro Bala parou, o grupo parou atrás d’ele (*sic*). Agora Pedro Bala olhava Dora com outros olhos. Via o terror no rosto dela, as lagrimas que caíam dos olhos. Ouviu o choro (*sic*) de Zé Fuinha. João Grande

falava: - Eu sempre tive contigo, Bala. Sou teu amigo, mas ela é uma menina, fui eu e Professor que trouxe ela. Eu sou teu amigo, mas se tu vier eu te mato. É uma menina, ninguém faz mal a ela... [...] João Grande continuou: - O pai dela, a mãe dela morreu de bexiga. A gente encontrou ela, não tinha onde dormir, a gente trouxe ela. Não é uma puta, é uma menina, não vê que é uma menina? Ninguém toca nela, Bala. Pedro Bala disse baixinho: - É uma menina... Pulou para o lado de João Grande e de Professor. - Tu é um negro bom. Tu tá com o direito... [...] Juro que não quero comer ela, nem eles quer. É uma menina. Mas ninguém toca nela. Quem quiser, que venha... (AMADO, 1970, p. 193-4)

A partir desse instante ela começa a se agregar ao grupo, trazendo com sua presença feminina, um pouco de afeto e ternura materna para aqueles garotos tão carentes desses sentimentos:

A mão de Dora o toca de novo. Agora a sensação é diferente. Não é mais um arrepio de desejo. É aquela sensação de carinho bom, de segurança que lhe davam as mãos da sua mãe. Dora está por detrás dele, ele não vê. Imagina então que é sua mãe que voltou. Gato está pequenino de novo, vestido com um camisolão de bulgariana e nas brincadeiras pelas ladeiras do morro o rompe todo. E sua mãe vem, faz com que ele se sente na sua frente e suas mãos ágeis manejam a agulha, de quando em vez o tocam e lhe dão aquela sensação de felicidade absoluta. Nenhum desejo. Somente felicidade. Ela voltou, remenda as camisas do Gato. Uma vontade de deitar no colo de Dora e deixar que ela cante para ele dormir, como quando era pequenino. Se recorda que ainda é uma criança. Mas só na idade, porque no mais é igual a um homem, furtando para viver, dormindo todas as noites com uma mulher da vida, tomando dinheiro dela. Mas nesta noite é totalmente criança, esquece Dalva, suas mãos que o arranham, lábios que prendem os seus em beijos longos, sexo que o absorve. Esquece sua vida de pequeno batedor de carteiras, de dono de um baralho marcado, jogador desonesto. Esquece tudo, é apenas um menino de quatorze anos com uma mãezinha que remenda suas camisas. Vontade de que ela cante para ele dormir... Uma daquelas cantigas de ninar que falam em bicho-papão. Dora morde a linha, se inclina para ele. Os cabelos loiros dela tocam o ombro do Gato. Mas ele não tem outro desejo senão que ela continue a ser sua mãezinha. [...] (AMADO, 1970, p. 197-8)

Dora integra-se definitivamente ao bando ao decidir trocar o vestido que usava, por uma calça, passando a participar com frequência das ações empreendidas pelos meninos brigando, furtando, roubando e pongando (subir nos veículos em movimento. Pop. morcegar, amorcegar-se) nos bondes e veículos nas ruas. Depois de ganhar total confiança dos meninos, ela passa a ser considerada simbolicamente como a irmã de todos eles. Entretanto, de forma meio inconsciente, passa a nutrir por Pedro Bala um sentimento diferente, o amor.

Ela de longe sorria para Pedro Bala. Não havia nenhuma malícia no seu sorriso. Mas seu olhar era diferente do olhar de irmã que lançava aos outros. Era um doce olhar de noiva, de noiva ingênua e tímida. Talvez mesmo não soubessem que era amor. Apesar de não ser noite de lua, havia um romântico romance no casarão colonial. Ela sorria e baixava os olhos, por vezes piscava com um olho porque pensava que isto era namorar. E seu coração batia rápido quando o olhava. Não sabia que isso era amor. [...] (AMADO, 1970, p. 211)

A vida difícil e abandonada das crianças do bando, o dia-a-dia de violência e privações, a vida rotineira no meio de meninos rudes, carentes e sem rumo, esse mundo-cão presente nas histórias dos Capitães da Areia seria insuportável se não passasse por elas também um sentimento de delicadeza e alento, beleza e amor, simbolizados pela figura de Dora. É uma presença tão marcante e tão significativa, que após sua morte, o grupo começa a desintegrar-se,

e a grande maioria dos meninos do bando decide seguir seus próprios destinos. Para eles, Dora assume todos os papéis que uma mulher seria capaz de desempenhar em uma família: menina, irmã, mãe, noiva e esposa.

Os Capitães da Areia olham mãezinha Dora, a irmãzinha Dora, Dora noiva, Professor vê Dora, sua amada. Os Capitães da Areia olham em silêncio. [...] Os Capitães da Areia olham em silêncio sua mãe, irmã e noiva. Mal a recuperaram, a febre a derrubou. Onde está a alegria dela, por que ela não corre picula com seus filhinhos menores, não vai para a aventura das ruas com seus irmãos negros, brancos e mulatos? [...] Ele se chega mais, os corpos estão juntos. Ela toma a mão dele, leva ao seu peito. Arde em febre. A mão de Pedro está sobre (*sic*) seu seio de menina. Ela faz com que ele a acaricie [...] Se abraçam. O desejo é abrupto e terrível. [...] os corpos se desunem. Dora murmura: É bom... Sou tua mulher. [...] Agora vou dormir – diz. [...] A paz da noite envolve os esposos (AMADO, 1970, p. 238-242).

Mesmo tendo sido “possuída”, pouco antes de morrer, por Pedro Bala, como se tratou de um ato de “puro amor”, após sua morte, para os Capitães e para alguns dos amigos do grupo, Dora passa também a ser vista como imaculada, e até mesmo como uma santa:

Veio a mãe-de-santo Don’Aninnha, veio também o Querido-de-Deus. Pedro Bala não toma parte na conversa. Aninha diz: - Foi como um sopro nesta vida. Vira santa na outra. Zumbi dos Palmares é santo dos candomblés de caboclo, Rosa Palmeirão também. Os homens e as mulheres valentes viram santo dos negros... [...] Padre José Pedro fala: - Vai pro céu, não tinha pecado. Não sabia o que era pecado... (AMADO, 1970, p. 241-2)

Para concluir, entendemos que o papel de Dora no romance, é muito mais do que uma simples presença feminina na história, com as funções, por nós, já comentadas. Na verdade, acreditamos que a sua função estaria ligada, principalmente, ao crescimento intelectual e amadurecimento pessoal do herói. Ou seja, ela colabora para que Pedro Bala possa descobrir o amor como um sentimento verdadeiro, como entregar-se ao outro com afeto, e não apenas como o ato sexual cheio de furor apenas pelo desejo, tal qual era imaginado pelos meninos do grupo. É a partir dessa descoberta, que Pedro Bala começa a entender que muito além da violência há outras formas de demonstrar suas insatisfações com a sociedade, ou de ajudar os seus amigos e companheiros. Assim inicia-se a sua participação, de forma ativa, nos movimentos sindicais, também como forma de dar continuidade à luta iniciada por seu pai, conforme se pode ver na terceira parte do romance.

## REFERÊNCIAS

- AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. 26. ed. São Paulo: Livraria Martins, 1970.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- BOLLE, Willi. **Grandesertão.br: o romance de formação do Brasil**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2004.
- BORGES, Jorge Luis. **Curso de literatura inglesa**. Martín Arias e Martín Hadis (Org). Tradução de Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: \_\_\_\_\_ **Vários escritos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul / São Paulo: Duas Cidades/, 2004.
- CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: \_\_\_\_\_. **Textos de intervenção**. Seleção, apresentações e notas de Vinícius Dantas (Org). São Paulo: Duas Cidades, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Nacional, 1985.

\_\_\_\_\_. **Formação da literatura brasileira.** 1º vol. 7. ed. Belo Horizonte: Itatiaia Limitada, 1993.

\_\_\_\_\_. Poesia, documento e história. In: \_\_\_\_\_ **Brigada ligeira.** 3. Ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

GOMES, Álvaro Cardoso. **Roteiro de leitura: Capitães da areia de Jorge Amado.** São Paulo: Ática, 1996.